

REPENSANDO O FENÔMENO DA EPÊNTESE VOCÁLICA NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

Tatiana Keller

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: Discutimos o caráter pós-lexical (COLLISCHONN, 1996) do fenômeno da epêntese vocálica em português a partir de dados de 144 informantes de 6 cidades da região sul do Brasil pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL. Trazemos evidências de que esse fenômeno tem características pós-lexicais, mas também pode apresentar características lexicais. Propomos que a epêntese esteja num estágio intermediário, ou seja, que o fenômeno ocorra primeiramente no pós-léxico e que, em algumas palavras, esteja “subindo” para o componente lexical.

PALAVRAS-CHAVE: epêntese vocálica, controvérsia neogramática, português brasileiro.

***ABSTRACT:** We discussed the post-lexical character of the vowel epenthesis in Brazilian Portuguese (Collischonn, 1996) based on data from 144 speakers from six cities in southern Brazil from VARSUL database. We brought evidence that this phenomenon has post-lexical behaviour, but may also have lexical characteristics. We propose that epenthesis is in an intermediate stage, in other words, that the phenomenon occurs primarily in the post-lexicon and later on in a few words, is “raising” to the lexical component.*

***KEYWORDS:** vowel epenthesis, neogrammarian controversy, Brazilian Portuguese.*

Introdução

O trabalho que aqui se apresenta é uma nova proposta de análise para um *corpus* já utilizado como objeto de pesquisa (COLLISCHONN, 2003). O *corpus* em questão é composto por falantes das cidades de Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Flores da Cunha, Panambi e Blumenau (24 informantes

de cada cidade) e foi obtido a partir do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Essas amostras foram analisadas pelo projeto *A variação da epêntese vocálica no português do sul do Brasil* (doravante, VAREP) coordenado pela Dra. Gisela Collischonn de 1998 a 2001 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que visou obter dados descritivos sobre a ocorrência variável do fenômeno da epêntese no português do sul do Brasil e sobre o papel dos fatores que o condicionam.

Labov (1981) ao tratar da questão da controvérsia neogramática, propõe certas características que diferenciam uma mudança neogramática de uma mudança via difusão lexical. Para ele, as mudanças neogramáticas aplicam-se num nível superficial da gramática, ao passo que as difusionistas aplicam-se num nível mais abstrato. Tal pensamento abriu caminho para o surgimento da Fonologia Lexical, que diz que as regras podem se aplicar no componente lexical ou no componente pós-lexical. Kiparsky (1988) atribui às regras lexicais a propriedade de serem difusionistas e ao pós-léxico a atuação de mudanças neogramáticas.

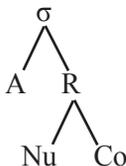
Nesse quadro teórico, autores como Collischonn (1996, 2003) e Migliorini e Massini-Cagliari (2011), dentre outros, analisam o caráter lexical ou pós-lexical da epêntese vocálica. Neste trabalho, trazemos evidências de que este fenômeno tem características pós-lexicais, mas também pode apresentar características lexicais. Propomos que a epêntese esteja num estágio intermediário, ou seja, que o fenômeno ocorra primeiramente no componente pós-lexical e que, em algumas palavras, esteja “subindo” para o componente lexical. Para tanto, este artigo organiza-se assim: na parte 1, caracterizamos o fenômeno da epêntese, bem como, relatamos alguns estudos anteriores, feitos no âmbito do projeto VAREP; na seção 2, discutimos o caráter pós-lexical/neogramático e lexical/difusionista da epêntese com base nos trabalhos de Labov (1981) e Gussenhoven & Jacobs (1998).

1 A epêntese vocálica

O fenômeno da epêntese vocálica caracteriza-se pela inserção, na fala, de um segmento vocálico, geralmente a vogal [i], entre dois segmentos consonantais, não-registrado na língua escrita. É o que ocorre em pronúncias como: [adevogado], [pinew], [vɔdʒika] (CAGLIARI, 1981; LEE, 1993; COLLISCHONN, 1996, entre outros).

Consideremos a estrutura silábica do português (BISOL, 1999, p.96):

(1)



Uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Em português nem todas as consoantes podem ocupar a posição de coda. As consoantes preferidas para ocupar essa posição são:

(2)

- s-** festa, pasta
- r-** carta, morte
- l-** palma, golpe
- m-** campo, bomba
- n-** canto, mentira

Apesar de o português licenciar as consoantes *s*, *r*, *l*, *m* e *n* como preferidas para a posição de coda, temos palavras que violam essa condição, como por exemplo: *infecção*, *mogno*, *objetivo*, *adquirir*, *atmosfera*. Para evitar sequências como essas, que não obedecem às regras de boa-formação silábica do português, é que se insere uma vogal epentética. Contudo, é importante ressaltar que a realização da epêntese não é categórica, ou seja, existe variação de pronúncias *com* e *sem* a inserção da vogal epentética. É o que o projeto VAREP tem apontado.

1.1 O projeto *A variação da epêntese vocálica no português do sul do Brasil (VAREP)*

Este projeto, coordenado pela Dra. Gisela Collischonn de 1998 a 2001 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, buscou obter dados descritivos sobre a ocorrência desse fenômeno variável no português do sul do Brasil e sobre o papel dos fatores que o condicionam. A metodologia utilizada é a variacionista, a qual busca, através da sistematização de fatores linguísticos e extralinguísticos, descrever o comportamento variável de um determinado fenômeno. A análise estatística é feita pelo pacote de programas estatísticos VARBRUL (SANKOFF, 1988). Os dados utilizados nas análises da epêntese foram obtidos a partir do banco de dados do Projeto VARSUL e consistem em

informantes de seis cidades da região sul (24 de cada cidade, num total de 144 informantes e 1060 dados).

Os grupos de fatores linguísticos considerados são:

1) Consoante Precedente: é a que ocupa a posição de coda da sílaba (a consoante que provoca a epêntese). É o caso de [d] em **advogado**.

Alveolar- **admirar**

Velar- **técnica**

Labial- **adaptar**

2) Consoante Seguinte: é a que ocupa a posição de ataque da sílaba que sucede a epêntese. É o caso de [v] em **advogado**.

Fricativa sibilante- **opção**

Fricativa não- sibilante- **objeto**

Nasal- **mogno**

Oclusiva- **helicóptero**

3) Posição da epêntese em relação à sílaba tônica

Pretônica- **advogado**

Postônica- **vodca**

4) Origem do vocábulo: uma palavra é considerada *estrangeira* se não estiver registrada no Dicionário Aurélio (1988).

Estrangeira- *Oktobertfest*

Nativa - **corrupção**

Além desses fatores, propostos pelo projeto supracitado, incluímos o fator *classe gramatical* que será importante para a discussão do enquadramento da regra de realização de epêntese como sendo uma mudança neogramática ou como difusão lexical.

5) Classe gramatical

Nomes (substantivos e adjetivos) - **advogado**

Verbos- **administrar**

Os fatores extralinguísticos considerados foram:

Grupo geográfico

Porto Alegre (RS)

Florianópolis (SC)
 Curitiba (PR)
 Flores da Cunha (RS)
 Panambi (RS)
 Blumenau (SC)

Sexo
 Feminino
 Masculino

3) Escolaridade
 Primário
 Ginásio
 Colegial

Esta classificação baseia-se na estratificação do banco de dados do projeto VARSUL. Primário e Ginásio correspondem ao atual Ensino Fundamental e Colegial ao Ensino Médio.

4) Idade
 Mais de 50 anos
 Menos de 50 anos

1.2 Resultados com a amostra das seis cidades¹

Na rodada com as amostras das seis cidades, as variáveis selecionadas pelo programa estatístico como relevantes foram, em ordem de importância: *consoante seguinte, grupo geográfico, consoante precedente, posição da epêntese em relação à sílaba tônica, idade e classe gramatical.*

A seguir apresentamos as tabelas para cada um desses grupos de fatores.

Os resultados da Tabela 1 apontam para um maior favorecimento da ocorrência de epêntese nos contextos seguintes de nasais (peso relativo 0,70) e fricativas não sibilantes (0,67); ao passo que as oclusivas (0,41) e as fricativas sibilantes (0,37) desfavorecem a inserção vocálica. *Aplicação (Apl)* refere-se às formas em que ocorre epêntese e *Total* a todas as formas que apresentaram contexto para a realização do fenômeno.

¹ Para maiores detalhes sobre os resultados obtidos pelo projeto “A variação da epêntese no português do sul do Brasil”, ver Collischonn (2000, 2002, 2003) e Keller (1999), este último trabalho é dedicado apenas à análise das cidades de Panambi e Blumenau.

Tabela 1: Consoante Seguinte

	Apl/Total	%	Peso relativo
Nasal- mogno	186/294	63	0,70
Fricativa não- sibilante- objeto	53/93	57	0,67
Oclusiva- helicóptero	68/220	31	0,41
Fricativa sibilante- opção	124/453	27	0,37
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

A Tabela 2 indica que o fenômeno da epêntese distribui-se de forma heterogênea entre as cidades consideradas: os falantes de Porto Alegre e Curitiba realizam mais epêntese, com pesos relativos de 0,77 e 0,63, respectivamente; os falantes de Flores da Cunha (0,57) e Florianópolis (0,53) estão numa faixa intermediária, em torno do ponto neutro e os de Panambi (0,25) e Blumenau (0,26) apresentam taxas de realização consideravelmente mais baixas do que as outras cidades.

Tabela 2: Grupo geográfico

	Apl/Total	%	Peso relativo
Porto Alegre	102/182	56	0,77
Curitiba	100/195	51	0,63
Flores da Cunha	78/170	46	0,57
Florianópolis	64/149	43	0,53
Panambi	44/179	25	0,25
Blumenau	43/185	23	0,26
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

A Tabela 3 indica favorecimento da epêntese nos contextos em que consoantes alveolares estão em posição precedente, com peso relativo de 0,62. As consoantes labiais parecem estar num ponto intermediário, isto é, não favorecem nem desfavorecem a realização do fenômeno (em torno de 0,5). Ao passo que, parece haver desfavorecimento da ocorrência de epêntese quando há uma oclusiva velar (peso relativo de 0,32) nessa posição.

Tabela 3: Consoante Precedente

	Apl/Total	%	Peso relativo
Alveolar- admirar	185/307	60	0,62
Labial- adaptar	168/404	42	0,57
Velar- técnica	78/349	22	0,32
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

Na Tabela 4 que apresenta os resultados obtidos para o grupo *posição da epêntese em relação à sílaba tônica*, podemos observar um desfavorecimento do fenômeno em posição *postônica* (peso relativo 0,34). A posição *pretônica* parece favorecer a realização de epêntese (peso relativo 0,59).

Tabela 4: Posição da epêntese em relação à sílaba tônica

	Apl/Total	%	Peso relativo
Pretônica- advogado	343/691	50	0,59
Postônica- vodca	88/369	24	0,34
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

Os resultados da Tabela 5 mostram que ter *menos de 50 anos* favorece a realização da epêntese e que ter *mais de 50 anos* a desfavorece. Contudo, a diferença entre os pesos relativos (0,58 e 0,44) não é muito grande, o que nos indica que o fenômeno pode ser considerado estável no conjunto das seis cidades. No entanto, este fator foi selecionado em análises que consideravam apenas as cidades de Panambi e Blumenau² e parece que nestas localidades há uma mudança em progresso. Contudo, neste trabalho, não nos deteremos na análise deste grupo de fatores.

Tabela 5: Idade

	Apl/Total	%	Peso relativo
Menos de 50 anos	244/610	42	0,58
Mais de 50 anos	187/450	40	0,44
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

A Tabela 6 mostra que há um ligeiro favorecimento da realização de epêntese nas formas verbais (peso relativo 0,60) em relação às formas nominais

² Para maiores detalhes, ver Keller (1999) e Collischonn (2003).

(peso relativo 0,47), no entanto, os dados não estão bem distribuídos, o que pode estar atrapalhando a análise estatística e não estar mostrando nitidamente o papel desta variável.

Tabela 6: Classe gramatical

	Apl/Total	%	Peso relativo
Verbo	124/229	54	0,60
Nome	307/831	37	0,47
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

2 Status da regra de epêntese

Tradicionalmente, considera-se a epêntese como uma regra pós-lexical. Alguns dos argumentos para esta classificação são: a epêntese não é condicionada pelo contexto fonético, não apresenta exceções, não é condicionada morfológicamente e parece não ser acessível à intuição dos falantes. No entanto, nossos resultados sugerem que nem todos esses argumentos são confirmados, especialmente no que diz respeito à sensibilidade à classe gramatical e à intuição do falante.

Nesta seção, retomamos as características propostas por Labov (1981) para identificar uma regra como neogramática ou difusionista e as propostas por Gussenhoven & Jacobs (1998) para identificar uma regra como lexical ou pós-lexical e as utilizamos para analisar o fenômeno da epêntese vocálica.

No Quadro 1, apresentamos algumas das características propostas por Labov (1981) para diferenciar mudanças neogramáticas de mudanças difusionistas.

Quadro 1: Algumas das características da mudança neogramática e da difusão lexical (adaptado de LABOV, 1981)

	Mudança neogramática	Difusão lexical
Discreta	não	sim
Condicionamento fonético	estrito	largo
Exceções lexicais	não	sim
Condicionamento gramatical	não	sim
Afetada socialmente	sim	não

Kiparsky (1988) repensa a posição de Labov (1981) e propõe que as regras sejam interpretadas no âmbito da Fonologia Lexical. Para Kiparsky, as regras difusionistas atuam no léxico e as neogramáticas têm aplicação no pós-léxico.

No Quadro 2 apresentamos algumas das características propostas por Gussenhoven & Jacobs (1998) para diferenciar regras lexicais de regras pós-lexicais.

Quadro 2: Algumas das características das regras lexicais e pós-lexicais (adaptado de GUSSENHOVEN & JACOBS, 1998)

Regras lexicais: a) podem referir-se a categorias morfológicas; b) têm exceções; c) são acessíveis à intuição do falante nativo.	Regras pós-lexicais: a) não podem referir-se a categorias morfológicas; b) não têm exceções; c) não são facilmente acessíveis à intuição do falante nativo.
---	--

A seguir fazemos uma análise conjunta das características apresentadas nos Quadros 1 e 2.

Discreta

Uma regra discreta – difusionista – produz um *output* binário. Diferentemente, mudanças neogramáticas são foneticamente graduais, ou seja, podem produzir uma variação entre dois pólos. As regras neogramáticas, que aplicam no pós-léxico, portanto, produzem *outputs* não binários.

Nas pesquisas do VAREP não fizemos uma análise qualitativa da epêntese, ou seja, não analisamos especificamente qual tipo de segmento vocálico era inserido, mas apenas se havia inserção ou não de vogal. No entanto, pela audição dos dados foi possível identificarmos realizações com inserção de segmentos tais como [e], [ʰ], [i], isto é, podemos ter um *output* gradiente. Além disso, Cagliari (1981) diz que a vogal epentética [i] pode realizar-se, também, com uma qualidade mais centralizada, como um [«] quando estiver diante de uma oclusiva alveodental surda ou de uma nasal alveodental e for precedida de uma oclusiva velar. É o que acontece, por exemplo, com *factual* [fa - k« - tu - aw] e com *acne* [a - k« - ni].

Socialmente afetada

Mudanças neogramáticas são socialmente afetadas, mas o falante parece não ter nenhum grau de consciência social: o fenômeno não é percebido pela comunidade como indicador de prestígio ou estigma, por exemplo. Ao passo que,

mudanças difusionistas carregam alto grau de consciência social, de modo que, nesse caso, a escolha por uma ou outra variedade reflete uso consciente do falante.

Como apresentamos na seção 1, os fatores extra-linguísticos *grupo geográfico* e *idade* foram selecionados pelo programa estatístico, ou seja, a epêntese sofre condicionamento social. No entanto, pensamos que com base nesses grupos de fatores não se pode afirmar que o fenômeno não é estigmatizado e é prestigiado pela comunidade. Seria interessante fazer-se uma coleta de dados que incluísse a percepção do falante com relação à epêntese, isto é, se o falante sente que as formas com epêntese são bem aceitas ou não. Aparentemente, o fenômeno não é estigmatizado, uma vez que as formas com epêntese parecem não ser corrigidas pelos professores na fala dos alunos, embora sejam corrigidas na escrita, mas não há um cuidado especial com a epêntese como existe com outros fenômenos, como por exemplo, a concordância nominal. Contudo, essa é uma opinião nossa.

Sensibilidade ao contexto fonético e sensibilidade morfológica

Mudanças neogramáticas/pós-lexicais são sensíveis ao contexto fonético e não apresentam condicionamentos gramaticais, ao passo que as mudanças difusionistas/lexicais são gramaticalmente condicionadas e sofrem nenhum ou pouco condicionamento fonético.

Conforme as tabelas apresentadas na seção 1, vimos que a epêntese é condicionada pelo *contexto precedente*, pelo *tipo de consoante seguinte* e pela *posição da epêntese em relação à sílaba tônica*, ou seja, a epêntese parece ser fortemente condicionada foneticamente. Por isso, o fenômeno da epêntese pode ser considerado uma mudança neogramática.

No entanto, o grupo de fatores *classe gramatical* também foi selecionado pelo programa estatístico, o que nos faz pensar que a epêntese também pode estar sofrendo condicionamento gramatical e por isso, possa ser considerada como difusão lexical. Contudo, é preciso ter cuidado ao dizermos que a epêntese possa estar se implementando via difusão lexical porque, conforme a Tabela 6 da seção 2, repetida aqui na Tabela 10, a distribuição dos dados não está bem equilibrada e os resultados podem não ser muito precisos. Mas, é importante não ignorarmos esta informação, isto é, é interessante fazer uma análise mais acurada acerca do papel da classe morfológica dos vocábulos para a realização de epêntese.

Tabela 10: Classe gramatical

	Apl/Total	%	Peso relativo
Verbo	124/229	54	0,60
Nome	307/831	37	0,47
Total	431/1060	41	

Input: 0,37 Significância: 0,008

Exceções

Regras difusionistas/ pós-lexicais não se aplicam em todas as formas onde encontram contexto para ocorrerem. Ao contrário, podem existir exceções lexicais às quais uma regra de difusão lexical não se aplica. De acordo com MacMahon (1994), uma mudança pode ser considerada difusionista quando não afeta 100% de seu vocabulário elegido. Por outro lado, as mudanças neogramáticas tendem a aplicar *across the board*, sem exceções.

Collischonn (2003) ao tratar do fenômeno da epêntese diz que essa regra pode estar em estratos diferentes nas capitais do sul do Brasil e nas cidades de Panambi, Blumenau e Flores da Cunha. A autora propõe que nas capitais a epêntese seja pós-lexical e que nas cidades interioranas ela seja lexical ou esteja num estágio de transição entre o nível lexical e o pós-lexical. Neste trabalho, não fazemos tal distinção. Contudo, tal distinção corrobora nossa tentativa de repensar o comportamento pós-lexical da epêntese, isto é, é possível pensar que esse fenômeno possa estar também se implementando via difusão lexical em uma dada variedade do português.

Collischonn (2003) também apresenta outras questões que poderiam ser investigadas acerca do fenômeno da epêntese, quais sejam, (i) com que outras regras o fenômeno interage? (ii) quais são as palavras (formas-alvo) que manifestam o fenômeno de maneira categórica? (iii) quais são as palavras que nunca manifestam aplicação? (iv) o fenômeno pode ser transferido para L2 ou não?

Dentre as questões acima, investigamos a questão (ii). Não fizemos uma análise exaustiva de todos os vocábulos, mas um levantamento geral entre as formas mais frequentes que apresentaram um predomínio de realizações *com* ou *sem* epêntese. Os resultados desse levantamento podem ser vistos no Quadro 3:

Quadro 3: Vocábulo com predomínio de realizações *com* ou *sem* epêntese:

Vocábulo	Nº de formas-alvo	Com epêntese	Sem epêntese
Táxi	30	29	01
Pneu	19	18	01
Aspecto	24	02	22
Total geral de formas-alvo	1060		

O Quadro 3 sugere que os vocábulos *táxi* e *pneu* estão se implementando no léxico com a inserção de vogal epentética, uma vez que cerca de 90% das vezes em que ocorrem há a inserção de um segmento vocálico. O Quadro 3 também sugere que há preferência por parte dos falantes (em torno de 90% das vezes em que a palavra ocorre, ocorre *sem* inserção de vogal), por realizarem o vocábulo *aspecto* sem epêntese, embora este vocábulo apresente contexto para a realização do fenômeno. Isto quer dizer que, aparentemente, existem exceções para a realização do fenômeno em questão, ou seja, parece que os falantes fazem algum tipo de seleção lexical para a realização de epêntese. Contudo, os dados que aqui se apresentam não são numerosos, por isso seria interessante que se fizesse uma análise mais apurada dos dados para verificar se realmente há algum tipo de condicionamento lexical para a ocorrência da epêntese.

Intuição do falante nativo

De acordo com essa propriedade, o falante nativo é capaz de distinguir se segmentos foneticamente diferentes têm a mesma representação subjacente ou se estão relacionados a diferentes representações.

Embora o grupo de fatores escolaridade não tenha sido selecionado na rodada com as seis cidades, é interessante observar seu comportamento em falantes de Porto Alegre. Numa análise estatística que englobava também o nível superior os informantes menos escolarizados (primário e ginásio) apresentaram alta taxa de realização do fenômeno (0,80), ao passo que os mais escolarizados realizaram menos epêntese (0,35 e 0,52), como vemos na Tabela 11.

Tabela 11: Taxa de epêntese com indivíduos de Porto Alegre quanto à escolaridade

	Apl/Total	%	Peso relativo
Primário	30/40	75	0,80
Ginásio	25/34	74	0,80
Colegial	47/108	44	0,52
Superior	56/173	32	0,35
Total	158/355	45	

Input: 0,45 Significância: 0,037

É importante observar que o número de formas-alvo vai aumentando consideravelmente com o aumento da escolaridade. Os indivíduos com menor escolarização, primário e ginásio, apresentam 40 e 34 formas-alvo, respectivamente. Entre os indivíduos com maior escolarização, colegial e superior, temos 108 e 173 formas-alvo, respectivamente.

Além do uso mais elevado de formas-alvo, os informantes mais escolarizados utilizam formas que fazem parte de um léxico mais especializado. É conhecido o fato de que vocábulos com contexto para a realização de epêntese fazem parte de um léxico mais restrito e culto, como por exemplo, *obscurantista*, *contraceptivo*, *sectarismo*. O fato de os informantes mais escolarizados utilizarem mais essas formas-alvo indica que, além de maior escolaridade, eles devem ter um contato maior com materiais escritos, já que está comprovado que a leitura é o meio mais efetivo de aumento do vocabulário. Maior escolarização significa mais tempo na escola, isto é, mais tempo de leitura e escrita. Mesmo que possam existir indivíduos menos escolarizados que tenham, em virtude de atividade profissional, contato intenso com a escrita, isso é exceção e não a regra. Passar mais tempo na escola propicia ao indivíduo uma gama maior de leituras e com isso mais oportunidades de expansão de vocabulário.

Em muitos textos de alunos é comum vermos formas hipercorrigidas tais como *advinhar* (sem a vogal *i*) por comparação com outras formas como *admitir* e *admirar*. Tal fato pode não indicar que exista consciência por parte do falante em relação à epêntese, mas sem dúvida, há algum tipo de interferência da escrita na maior ou menor realização de epêntese.

Keller e Collischonn (2001) dizem que

“a nossa tese fundamental é de que a consciência da forma escrita deve ter algum papel sobre a forma fonológica subjacente. A interpretação é de que o conhecimento da ortografia da palavra pode condicionar a competência do falante. Falantes com menos escolaridade teriam a forma subjacente das palavras com

a vogal (por exemplo, /'sigino/ e /adi'mite/). Falantes com maior escolaridade teriam a forma subjacente sem a vogal. A variação dependente de fatores sociais então estaria concentrada não numa regra variável, mas numa diferença lexical (havendo espaço para tratamentos diferenciados para diferentes itens lexicais)".

(KELLER e COLLISCHONN, 2001, p. 35)

De acordo com a afirmação acima, é possível pensarmos que realmente exista algum tipo de sensibilidade lexical por parte dos falantes, especialmente, os mais escolarizados.

No Quadro 4, organizamos os argumentos em defesa da epêntese como regra neogramática/pós-lexical e como regra difusionista/lexical.

Quadro 4: Argumentos em favor do *status* neogramática/pós-lexical e do *status* difusionista/lexical do fenômeno da epêntese

Regra neogramática/pós-lexical	Regra difusionista/lexical
a) é condicionada foneticamente: os grupos de fatores <i>contexto precedente</i> , <i>tipo de consoante perdida</i> e <i>posição da epêntese em relação à sílaba tônica</i> foram selecionados pelo programa estatístico; b) apresenta <i>outputs</i> gradientes; c) é socialmente afetada.	a) pode ser condicionada morfológicamente: o grupo de fatores <i>classe gramatical</i> foi selecionado pelo programa estatístico; b) parece apresentar exceções lexicais como o vocábulo <i>aspecto</i> ; c) parece estar acessível à intuição dos informantes mais escolarizados.

Harris (1989) como Kiparsky (1988), também atribui ao léxico as regras que se aplicam conforme a hipótese da Difusão Lexical, e ao pós-léxico as regras que se aplicam segundo a hipótese neogramática. Além disso, admite a presença de regras variáveis no léxico, resultado de processos de lexicalização. A constatação desse tipo de regra no léxico aponta para a necessidade de reorganização de um nível lexical sem que se produza imediatamente a reestruturação do inventário fonêmico subjacente.

Esta afirmação de Harris (1989) é importante, pois permite que possa haver um nível intermediário ou de transição entre o léxico e o pós-léxico, isto é, podemos ter uma regra que apresente ao mesmo tempo características lexicais e características pós-lexicais. Esse parece ser o caso da epêntese.

O fenômeno da epêntese começa no componente pós-lexical onde há contraste fonético. A mudança fonológica se dá neste componente através do processo de fonologização da regra, no nosso caso a da epêntese vocálica. Posteriormente, esta regra, segundo Harris (1989), pode sofrer um outro processo, o de lexicalização, que alça a regra ao componente gramatical puro

da língua, o que não quer dizer que tenha perdido propriedades do nível pós-lexical. A lexicalização representa um estágio intermediário potencial entre a implementação da mudança e sua eventual morte, quando e se o contraste que se implementa venha a ser reestruturado na subjacência.

Referências bibliográficas

- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: _____ (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da Teoria da Sílabas de Junko Ito (1986). *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2. p. 149-158, 1996.
- _____. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela Teoria da Otimalidade. *Letras de Hoje*, v. 35, nº 1, 2000, p. 285-318.
- _____. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro (VARSUL)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- _____. Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. 1981. Tese (Livre-Docência em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.
- GUSSENHOVEN, C; JACOBS, H. *Understanding Phonology*. NY: Oxford, 1998.
- HARRIS, J. Towards a lexical analysis of sound change in progress. *Journal of Linguistics*, n. 25, 1989, p. 35-56.
- KELLER, T. O fenômeno da epêntese vocálica no português falado em Panambi e Blumenau. *Cadernos do I.L.* Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- _____; COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica e o papel da escrita na determinação da forma subjacente. *Anais do III SENALE*: Pelotas, 2001.
- KIPARSKY, P. Phonological change. In: NEWMeyer, F. (ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Vol.1: Linguistic Theory: foundations. Cambridge: CUP, 1988, p. 363-415.
- LABOV, W. Resolving the Neogrammarian controversy. *Language*, v.57, 1981, p. 267-308.
- LEE, S-H. Epêntese no português. *Estudos Lingüísticos XXII – Anais de Seminários do GEL*, Ribeirão Preto, Instituição Moura Lacerda, v. II, p. 847-854, 1993.

- MACMAHON, A. *Understanding language change*. NY: Cambridge University Press, 1994.
- MIGLIORINI, L; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese vocálica no português brasileiro: regra lexical ou pós-lexical? *Todas as Letras Q*, v. 13, n.1, 2011.
- SANKOFF, D. Variable Rules, In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, N; MATTEIR, K. J. (eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of science of language and society*. New York: Walter Gruyter, 1998, p.984-998.